

A EXPRESSÃO DRAMÁTICA NO JARDIM DE INFÂNCIA: VEM AÍ O LOBO MAU! FUJAM!

Ana França, Centro de Investigação em Educação da Universidade da Madeira – CIE-Uma, anakot@uma.pt

Resumo: Nesta comunicação vamos abordar o contexto da Expressão Dramática no âmbito da educação pré-escolar, através do relato e apresentação de um projeto, intitulado *Vem aí o Lobo Mau! Fujam!*, desenvolvido por um grupo de crianças de quatro anos, do Jardim de Infância *O Girassol*, na cidade do Funchal.

A Expressão Dramática enquanto atividade decorre de situações da vida real, transparecendo o mundo das vivências, a cultura das crianças. Desde que existem crianças existe o jogo de faz-de-conta, a fantasia, a imaginação e o desempenho mental de papéis fictícios (Sousa, 2003).

Na intervenção com crianças, os educadores projetam as suas práticas pedagógicas, planificam com elas trajetórias promotoras de desenvolvimento, aprendizagem e sucesso. Estes agem com intencionalidade educativa, valorizando simultaneamente e de forma negociada, o “brincar a valer”, proporcionando ações com prazer, com criatividade, com espontaneidade e autenticidade. Na Expressão Dramática todos os problemas e conflitos, têm solução. É só usar a imaginação!

A Expressão Dramática é um espaço onde múltiplas linguagens, de forma intencional, confluem para a criação do contexto educacional (Melo, 2005).

Palavras-chave: Educação Pré-escolar; Expressão Dramática; Aprendizagem.

A expressão dramática no jardim-de-infância

A expressão dramática enquanto atividade para a criança, é uma forma de brincar, que decorre de situações da vida real, onde, nomeadamente, transparece o mundo das suas vivências e a sua cultura. É um dos recursos mais valiosos, completos e complexos da educação. É através da expressão dramática que a criança cria um mundo todo seu, num contexto de imaginação, criatividade e fantasia, identificando-se com a personagem ou situação a que brinca (Sousa, 2003). Assim, a expressão dramática é um espaço onde múltiplas linguagens, de forma intencional, confluem para a criação de situações de expressão de sentimentos, ideias, crenças, no contexto educacional. Esta abordagem valoriza como aspetos principais o desenvolvimento, a aprendizagem e a competência do indivíduo, onde transversalmente com a expressão dramática, é convocada a expressão musical, a expressão plástica e a dança (Melo, 2005).

A expressão dramática e o jogo dramático, considera o indivíduo como um ser social. Por isso, tudo acontece em função do outro, presente no grupo fisicamente ou não. Esta atividade

manifesta-se através da expressão livre, da comunicação verbal e não-verbal, o imaginário e a criatividade e a abordagem sociocultural (Landier, 1999).

A criança em idade pré-escolar naturalmente imita situações e pessoas, faz de conta que é isto ou aquilo, manifestando sentimentos emoções e opiniões. As atividades de expressão dramática proporcionam a oportunidade de a criança brincar a sério, apelando às suas vivências decorrentes da sua vida real. Assim, a brincar ao faz-de-conta, a criança projeta o seu mundo sociocultural, constrói, nomeadamente, conhecimento, signos, conceitos sobre o seu próprio corpo, espaço, tempo, objetos e relações com o outro.

Entendemos a expressão dramática sempre como uma abordagem holística do conhecimento, pela construção de identidades, pela consciencialização dos percursos de desenvolvimento dos indivíduos, pela aprendizagem pela prática em grupo.

Nas Orientações curriculares para a educação pré-escolar, podemos ler a seguinte definição para Expressão Dramática:

A expressão dramática é um meio de descoberta de si e do outro, de afirmação de si próprio na relação com o(s) outros(s) que corresponde a uma forma de se apropriar de situações sociais. Na interação com outra ou outras crianças, em atividades de jogo simbólico, os diferentes parceiros tomam consciência das suas reações, do seu poder sobre a realidade, criando situações de comunicação verbal e não-verbal (ME, 1997, p. 59).

É de grande importância refletir sobre a intervenção do educador enquanto elemento facilitador da aprendizagem e criador de oportunidades, no sentido proporcionar às crianças experiências diferenciadas, no âmbito expressão dramática, tendo em conta as suas vivências (Sousa, 2003).

A expressão dramática enquanto aprendizagem autêntica

Define-se a atividade autêntica como a prática habitual das pessoas comuns no interior de uma cultura, decorrendo de situações reais (Lave, 1988).

A atividade lúdica é uma ação real, própria e natural da criança. Por ser uma ação que nasce no real é autêntica, porque parte da percepção da realidade e desenvolve-se pelas condicionantes dos contextos conhecidos da criança. Podemos, assim, reforçar a ideia da expressão dramática enquanto atividade autêntica:

- Decorrente de situações da vida real;
- Transparecendo o mundo das vivências e a cultura das crianças;
- Possibilitando a construção de conhecimento, através dos mecanismos de mediação cultural, como os artefactos culturais, a linguagem - os signos, os conceitos sobre o próprio corpo, espaço, objetos, as relações do corpo com o outro.

A expressão dramática deve assumir as vivências das aprendizagens emergentes e refletir assim a cultura dos seus participantes. Nesta linha de pensamento, podemos considerá-la uma área potencial para o desenvolvimento de atividade autêntica. Como tal, os educadores devem reconhecer e valorizar as vivências das crianças – elementos culturais e de identidade de referência - como uma importante fonte de conhecimento para trabalharem a partir daquilo que eles realmente são e têm.

Convictos de que a expressão dramática é um espaço privilegiado de criação, recriação e improvisação no processo educativo de cada criança, confrontando-a com os outros em diferentes contextos, os educadores têm de proporcionar atividades promotoras da imaginação e da criatividade. Reforçamos a nossa perspetiva através das palavras de Walsh (1994) citado por Teresa Vasconcelos (1997):

Educar é uma arte. Porém, são muitas as competências que convergem nesta arte, tal como são muitas as competências que convergem no artista, as decisões imperiosas sobre quando e como combinar essas competências. Os conhecimentos necessários para o fazer não são apenas uma competência técnica. Podem ser, sem dúvida, adquiridos, mas também algo que provém das crenças mais profundas de cada um de nós e da nossa paixão pelas Crianças e pelo Mundo (Vasconcelos, 1997, p. 251).

O papel do educador de infância

O educador tem um papel primordial na qualidade do ambiente educativo e possui um “espaço de manobra” e de liberdade de ação que lhe permitem criar e imaginar projetos, concebendo um currículo adequado aos interesses, necessidades e características das crianças. Assim, no desenvolvimento da sua prática pedagógica, deve ser construtor do currículo com a finalidade de promover aprendizagens integradas, a partir dos contextos e experiências de cada criança. É através da organização do ambiente educativo que o educador espelha o trabalho curricular e a sua intencionalidade educativa. Neste sentido, o currículo pode ser uma prática pedagógica que resulta da interação das várias estruturas – políticas, culturais, organizativas, económicas, sociais, escolares – sustentadas por interesses concretos e responsabilidades partilhadas (Mendonça, 2002).

Consideramos que o educador projeta as suas práticas pedagógicas, planificando com as crianças trajetórias promotoras de desenvolvimento, aprendizagem e sucesso. Este age com intencionalidade educativa valorizando simultaneamente e de forma negociada o “brincar a valer” das crianças, proporcionando ações com prazer, com criatividade, com espontaneidade e autenticidade. A intervenção do educador deve promover a emergência de situações de expressão e comunicação que integrem, por exemplo, diferentes formas de fazer mímica e de dramatizar vivências e histórias e, ainda, possibilitar o desenvolvimento da imaginação e construção de diálogos e histórias apelando às potencialidades, vivências e experiências das crianças. É tudo uma questão de jogo e de expressão dramática! Na expressão dramática todos os problemas e conflitos têm solução. É só usar a sabedoria e a imaginação.

A construção do lobo mau e a ação das crianças

A escolha da história do lobo mau decorre da necessidade de trabalhar projetos de iniciativa das crianças, criando a oportunidade de experienciar sentimentos e emoções a partir das histórias que integram a personagem do lobo mau. A construção do fantoche lobo mau foi projetada em desenho e realizada através da modelagem utilizando papel de jornal e fita de papel conforme ilustra a figura seguinte.



Figura 1 – Momentos do desenho da construção e experimentação do lobo mau

As crianças sentiram-se particularmente ligadas ao fantoche “lobo mau” construído por elas, num espaço de liberdade e imaginação, para se expressarem brincando, recriando situações. Foi uma forma de refletir, perceber, dominar e expressar emoções num mundo de fantasia.

Enquanto um adulto desempenha um papel dramático, fingindo sentir uma dada emoção, a criança não finge, sentindo na realidade os sentimentos que expressa. Por exemplo, enquanto um adulto finge ter medo de um outro que desempenha o papel de um lobo, a criança tem mesmo, de facto, medo do lobo que é desempenhado pelo outro, chorando e apresentando todos os sintomas de ansiedade, havendo até alguns casos de terrores noturnos ligados a experiências dramáticas deste tipo. (Sousa, 2003, p. 55)

O perfil do lobo na voz das crianças: o que desencadeou a personagem do lobo mau?

Através das histórias do capuchinho vermelho, dos três porquinhos, entre outras, as crianças retrataram o lobo, do ponto de vista físico e psicológico conforme a tabela síntese:

Tabela 1 – Síntese do perfil do lobo mau

Perfil psicológico	Perfil físico
Manhoso	Orelhas grandes
Mete medo	Olhos grandes
Maldoso	Dentes grandes
Feio	Cinzento e peludo

Apresentamos parte dos discursos, decorrentes dos diálogos das crianças, sobre a personagem lobo mau aquando a experimentação do fantoche e o reconto de situações e histórias:

Criança 1 – O lobo mau assusta toda a gente; provoca gritos e desmaios, nervos, medo, arrepios, corpo a tremer

Criança 4 – Ficamos de olhos bem abertos para ver se o lobo já vem... e dizemos: Fugam, vem aí o lobo mau!

Criança 2 - Ao vimos o lobo mau, temos mesmo de fugir, fugam, vem aí o lobo mau!

Criança 3 - No recreio, os meninos fugiram do lobo a gritar e a correr... foi engraçado. Os adultos também têm medo do lobo.

Criança 2 - Um menino da sala dos bebés chorou, pois pensava que o lobo era de verdade. Os bebés ainda não sabem que é tudo a fingir, a brincar.

Criança 1 - É muito fixe ser lobo mau e ver todos a fugirem para todo o lado.

Criança 4 - O lobo está sempre com vontade de comer, tem olhos grandes, orelhas grandes e boca grande cheia de dentes para te comer!

Educadora - Nas histórias o lobo é uma personagem manhosa e anda sempre à caça de uma presa distraída. É um animal selvagem que geralmente vive em florestas.

Criança 2 - Que nome esquisito... O que é uma presa?

Educadora - É o animal que vai ser caçado pelo lobo... na história dos três porquinhos, os porquinhos eram as presas do lobo... certo?

Criança 3 - Sim!... mas conseguiram fugir e enganar o lobo.

Educadora - Geralmente os lobos atacam em grupo, vivem em grupo. Um grupo de lobos chama-se alcateia. Sabiam?

Criança 4 - Não... alteia ... alcateia que nome esquisito

Criança 1 - Na Madeira há lobos verdadeiros? Eu acho que não...

Educadora – Na ilha da Madeira, nas montanhas, não existe lobos. Mas nas serras de Portugal Continental existem.

Algumas crianças ficaram interessadas em saber sobre a vida dos lobos, os lobos bebés, os que vivem no gelo, a relação das pessoas com os lobos, a necessidade de proteger os

lobos. O António construiu um lobo de pelagem branca e realizou pesquisa em casa e na escola sobre estes animais que vivem na neve. A Leninha quis construir um lobito bebé e saber como é que as mães lobo cuidam dos seus bebés. Durante mais uns dias reconstruiu-se, através de projetos individuais das crianças, a vida dos lobos cinzentos e dos lobos de pelagem branca, conforme a figura seguinte.

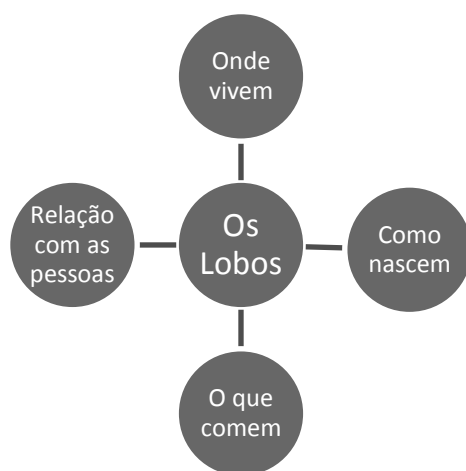


Figura 2 – Rede de conhecimentos a saber sobre os lobos

Comentários finais

Falar de expressão dramática, é convocar também a expressão plástica, expressão musical e a dança criativa. A integração curricular acontece na prática. Sendo assim, a Expressão Dramática é um espaço onde múltiplas linguagens, de forma intencional, confluem para a criação no contexto educacional (Melo, 2005).

A expressão dramática apresenta-se como uma atividade lúdica, própria e natural da criança. Surge espontaneamente e permite expressar sentimentos, dar ampla vazão à imaginação e criatividade, desenvolve o raciocínio prático, desempenhar no faz-de-conta diversos papéis sociais, usar o corpo nas mais diferentes qualidades de movimento. Como

espaço integrador de conhecimento deve libertar-se dos constrangimentos curriculares. Assim, os educadores desenvolvem uma pedagogia que vincula o conhecimento da escola com as diferentes relações de sujeito e ajudam a constituir as vidas quotidianas dos alunos, ou seja, uma pedagogia crítica onde as relações pedagógicas sejam vistas como relações estruturadas de poder, sempre contestadas e negociadas com as crianças (Giroux, 1999).

A intervenção do educador deve promover a emergência de situações de expressão e comunicação que integram, por exemplo, diferentes formas de fazer mímica e de dramatizar vivências e histórias e, ainda, possibilitar o desenvolvimento da imaginação e construção de diálogos e histórias apelando às potencialidades, vivências e experiências das crianças. É tudo uma questão de jogo e de expressão dramática! Fugam, vem aí o lobo mau!

Referências

- Giroux, H. (1999). *Cruzando as fronteiras do discurso educacional*. Porto alegre: Artmed.
- Landier, J. & Barret, G. (1999). *Expressão dramática e teatro*. Porto: Edições Asa.
- Lave, J. (1988). *Cognition in practice*. Cambridge: Cambridge University Press.
- ME (1997). Orientações curriculares para a educação pré-escolar Available from http://www.oei.es/inicial/curriculum/orientacoes_portugal.pdf
- Melo, M. (2005). *E expressão dramática: à procura de percursos*. Lisboa: Livros Horizontes.
- Mendonça, M. (2002). *Ensinar e aprender por projectos*. Porto: Edições Asa.
- Sousa, A. (2003). *Educação pela arte e artes na educação - drama e dança* (Vol. 2). Lisboa: Instituto Piaget.
- Vasconcelos, T. (1997). *Ao redor da mesa grande: a prática educativa de Ana*. Porto: Porto Editora.